

Recordações de um escritor no país dos Bruzundangas: memória e história em Lima Barreto

Clóvis Gruner
Professor de História Contemporânea
Universidade Tuiuti do Paraná

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta – até essa vida...
Álvaro de Campos

Em diferentes textos, principalmente ao longo de sua trajetória como cronista, mas também em passagens de seu diário, Lima faz menção à data de seu nascimento, exatamente sete anos antes de a Princesa Isabel assinar a “Lei Áurea”, que abolia definitiva e formalmente a escravidão no país. Naquele ano de 1911, em que completaria 30 anos de vida, o escritor faz publicar no jornal *Gazeta da Tarde* a crônica “Maio”; nela, recorda emocionado passagens de sua meninice, com o pai a chegar em casa e anunciar: “a lei da abolição vai passar no dia de teus anos”. Da festa no Largo do Paço, no 13 de maio de 1888, lembra da multidão, da princesa vindo à janela, da “ovação, palmas, acenos com lenço, vivas... (...) Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria.”¹

Pouco mais de duas décadas depois, as recordações daquele dia parecem, por um instante, provocar no cronista o mesmo contentamento pueril. Esta impressão é desfeita, significativamente, com a lembrança de um verso, um único verso, que Lima memorizara desde a infância, extraído de um poema em homenagem à princesa Isabel: “Houve um tempo, senhora, há muito já passado.” A pequena estrofe é como que a senha para que o escritor passe da memória do passado à contemplação do presente; neste deslocamento, tece sobre o tempo, o “inflexível tempo”, uma reflexão desencantada e

¹ BARRETO, Lima. *Toda crônica*. Org.: Beatriz Rezende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, v. 1, pp. 77-79.

amargurada, fruto, como bem lembrou Arnoni Prado, de sua condição de homem duplamente ferido: “pelo destino e pela história”.² Mas por que o desencanto? Por que a dor? Porque o tempo, que só permite reviver o passado como lembrança, é também aquele que ao destruir, em sua trajetória inexorável, aspirações e desejos, transforma o presente no fim de um sonho de futuro: “Oh! O tempo! O inflexível tempo (...) vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só deixa na alma *essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo lembrar, porém, traz sempre prazer.*”³

Embora exemplar, esta certamente não é a única passagem de sua obra onde, à memória do passado, sobrepõe-se um presente de inquietação, mágoa, ressentimento e, não raro, revolta. Das muitas possibilidades de leitura a que se oferecem as páginas de Lima Barreto, certamente a da pertinência da memória tem sido das mais férteis, largamente explorada pelos seus leitores e críticos. Trata-se de uma tensão temporal que, em alguns casos mesmo, mira não apenas o presente, mas o próprio passado, saturado pelos excessos da história. Mas de que história? Certamente aquela oficial e monumental, política e politizada, que aspira a desvendar, cientificamente, o passado e a identidade do Brasil, sua origem primeira e irreduzível. E que neste processo de edificação de um tempo pretérito contribui à legitimação de uma memória triunfante, ao excluir e silenciar, condenando ao esquecimento, os portadores de identidades infames, contrárias àquela forjada no interior do projeto modernizador republicano. Parece-me que reside aí um dos projetos essenciais da literatura de Lima Barreto: a uma memória oficial e histórica, erigida para ser a celebração e a legitimação de um passado em que se cristaliza a vontade dos dominadores, ele opõe uma memória subterrânea, urgida no cerne de uma sensibilidade a um só tempo revoltada e vigilante. E ao transformar esta memória em

² PRADO, Antonio Arnoni. Lógico percurso do delírio: Osman Lins e Lima Barreto. In.: *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 201.

³ *Idem. Ibidem*, p. 79. Grifos meus.

matéria narrativa, construção literária e ficcional, ele faz do discurso ação, e da escrita uma prática capaz de desentranhar do esquecimento o que não poderia ter sido esquecido. Na tessitura deste discurso feito ação, desta escrita em que se tece a prática, constroem-se espaços heterotópicos de resistência à imposição de um passado que, ao dizer “sim” à história, almeja a submissão a uma verdade que se pretende única porque absoluta, e a sujeição a toda forma de poder, a toda expressão da lei, a toda manifestação da norma.⁴ É neste lugar outro da memória que os rastros e experiências apagados pela história darão, enfim, seu testemunho.

Projetada para ser o relato ficcional das experiências do escritor durante sua segunda passagem pelo Hospital Nacional de Alienados, de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920, “O cemitério dos vivos” seria sua última e inacabada obra. Se de sua primeira temporada no hospício, em 1914, o escritor não nos deixou legado, salvo duas pequenas passagens de seu diário⁵, seria diferente na internação de 1919-20. Além do registro costumeiro em seu diário íntimo⁶, Lima anota minuciosamente seus dias no manicômio. Tão pouco faz segredo de sua intenção de escrever e publicar o romance, anunciando a obra, ainda nem mesmo iniciada, em entrevista concedida nos dias de clausura: “Para mim, porém, tem sido útil a estadia nos domínios do Senhor Juliano Moreira. Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia *O Cemitério dos Vivos*. (...) [Pergunta] – E quando pensas lançar *O Cemitério dos Vivos*? [Lima Barreto] – Não sei. Agora só falta

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 73. Sobre o conceito de heterotopia, cf.: FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In.: *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos & escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, pp. 411-422.

⁵ No dia 13 de julho, Lima anota: “Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?”. Em alguma anotação sem data, meses depois, escreve: “Estive no hospício de 18-8-14 a 13-10-14.” Cf.: BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. In.: *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p. 1306.

⁶ *Idem*. *Ibidem*, p. 1329.

escrever, meter em forma as observações reunidas. Esse trabalho pretendo encetar logo que saia daqui (...).⁷

As “observações interessantíssimas” a que Lima se refere compõem as páginas de seu “Diário do Hospício”, que principia a escrever em 4 de janeiro de 1920. Estas anotações servem como base para a escrita do romance que, hoje sabemos, o romancista não teria a oportunidade de concluir. Lá estão os primeiros e mais humilhantes dias, ainda na Pinel, e as referências a Cervantes e Dostoiévski; a transferência para a seção Calmeil e o reencontro com a biblioteca, espécie de guardadouro de uma sanidade necessária, entre outras coisas, para estabelecer a própria diferença entre sua loucura, gerada pelo alcoolismo e que ele pretende passageira, e a de seus pares de hospício, sobre cuja natureza procura refletir. Esta distinção, ademais, é fundamental à própria sobrevivência psíquica do autor, para quem o mergulho no delírio significaria a impossibilidade de uma outra vida que ele, apesar dos incontáveis percalços, ainda deseja: “Não quero morrer, não; quero outra vida”, afirma já nas primeiras páginas do diário para, mais à frente, afirmar: “Desde a minha entrada na Escola Politécnica que venho caindo de sonho em sonho e (...) embora a glória me tenha dado beijos furtivos, eu sinto que a vida não tem mais sabor para mim. Não quero, entretanto, morrer; queria outra vida, queria esquecer a que vivi, mesmo talvez com perda de certas boas qualidades que tenho, mas queria que ela fosse plácida, serena, medíocre e pacífica, como a de todos.”⁸

Este desejo, não se apresenta como algo coerente, mas profundamente contraditório: atravessa-o um sentimento de derrota e humilhação, que em diferentes passagens dos diários, o do hospício e também o íntimo, parecem suplantar sua vontade

⁷ BARRETO, Lima. *Um longo sonho de futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998, pp. 308-310. A entrevista foi publicada originalmente no jornal “A folha” em 31 de janeiro de 1920. Uma versão parcial pode ser encontrada na biografia do escritor, cf.: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, pp. 285-286.

⁸ BARRETO, Lima. O cemitério dos vivos. In.: *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, pp. 1385 e 1397, respectivamente.

de viver esta “outra vida”. E sempre que este sentimento aflora, e aí a segunda contradição, é para re-afirmar um outro desejo e com ele uma vida que o escritor quis ter vivido e não pode – uma “outra vida” também, certamente, mas que não seria “plácida, serena, medíocre e pacífica”. Esta, de que fariam parte o reconhecimento e o respeito literários, ele a assevera ao mesmo tempo em que a repele, pois é desta negação mesmo que brota sua permanência – derradeira e, a meu ver, a mais significativa destas contradições. Significativa porque ela revela um traço fundamental da trajetória e da obra de Lima Barreto, produtos de um *eu* complexo e contraditório, que sonha um Náutilus mas que, na impossibilidade de sua fabricação, “(...) bebia cachaça”.⁹

Ora, este movimento de constituição de um *eu* revoltado e tenso, não se faz deliberadamente, mas resulta de um processo de interiorização do fora e sua ressignificação pelo dentro, aquilo que Deleuze, a partir de Foucault, denominou de “dobra”, componente fundamental no processo de constituição das subjetividades modernas.¹⁰ No caso de Lima, difícil não pensar no significado da literatura em sua trajetória de vida, que funcionava como uma espécie de evasão de uma rotina marcada pelo estigma da cor, da pobreza, da loucura – a do pai e, por duas vezes, a dele própria – e, claro, do alcoolismo. Para seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa, “no álcool, procurava anular-se por completo, ser esquecido, desaparecer. Na literatura, ao inverso, tentava afirmar-se, ser alguém, deixar em suma a marca da sua passagem na terra.”¹¹ A esta afirmação eu acrescentaria o registro de que estes dois desejos – anular-se no álcool, afirmar-se na literatura – não são inversos, mas anversos, compondo os dois lados de uma mesma moeda; em Lima Barreto, parece-me, eles não são se anulam, mas se completam.

⁹ *Idem. Ibidem*, p. 1407.

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 101-131.

¹¹ *Idem. Ibidem*, p. 296.

Como praticamente toda a sua obra literária, também a narrativa de “O cemitério dos vivos” é transpassada de lances confessionais. Mas não se trata, por isso, de uma obra meramente autobiográfica. De um ponto de vista narrativo, as passagens do diário podem ser lidas como uma escrita seminal, espécie de gestação de uma outra narrativa, a ficcional, que se utiliza a memória para, não apenas tecer, mas intervir na história. E o faz devolvendo à esfera pública as reflexões e impressões urgidas na grafia íntima e privada do diário. Como se à ficção coubesse um papel fundamental no ato de testemunhar a violência: ao dizer e representar a barbárie, barrar o esquecimento que, ironicamente, é imposto pela própria história. Ao entrecruzar duas narrativas, a confessional e a literária, o objetivo é recriar, no universo romanesco, uma certa realidade de maneira a conferir a ela uma estatura e um significado que só são possíveis no interior desta temporalidade outra, a ficcional, onde a sobreposição entre real e imaginação permite o delinear de uma aproximação irredutível em se tratando da ficção limiana: aquela entre o narrador e os silenciados, ofendidos e humilhados, colocados à margem da história.

Estes laços de solidariedade, que a história recusa, o escritor os estabelece trilhando um outro caminho, o da memória, que lhe permite uma dupla visada. Como em outros de seus escritos, também neste romance aparece a crítica à brutalidade republicana e seu projeto modernizador, tornando ainda mais significativo, mesmo que não tenha sido um projeto deliberado do escritor, a escolha do hospício como espaço privilegiado do romance. Porque ao situar no interior dos muros e celas do hospital as experiências e reflexões do narrador Vicente Mascarenhas, Lima transforma aquele espaço em metáfora da violência, do preconceito, das contradições, das hierarquias sociais, enfim, das relações de poder e dominação presentes fora de seus muros.¹²

¹² VECCHI, Roberto. Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto. In.: HARDMAN, Francisco Foot (Org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Editora Unesp, 1998, pp. 111-124.

A crítica de Lima a este projeto modernizador, no entanto, não é movida apenas pela nostalgia de um passado perdido e irrecuperável, como pode parecer a uma primeira leitura de seus escritos, onde abundam referências à vida dos subúrbios cariocas e seu modo de vida simples, em contraposição ao burburinho urbano e cosmopolita da “cidade”. Seu exame é, antes e principalmente, uma tentativa de denunciar no mundo moderno a ausência de laços éticos e solidários, ausência que permite e justifica a exclusão e a violência em seus diferentes matizes. A crítica à modernidade, portanto, não é apenas uma tentativa de um retorno imaginário a um passado idílico. Ela é uma crítica do presente e de uma República que se consolida negando seus princípios fundamentais, impondo a ordem a muitos em nome do progresso de poucos; ela é, nomeadamente, uma crítica do poder.

Crítica que, de resto, deve estar atenta ao caráter provisório, volátil, microfísico do poder. Daí seu escopo voltar-se às manifestações daquela mesma violência onde ela aparece de forma fugidia, pretendendo assim escapar a qualquer nomeação. Seja quando lamenta as “angústias íntimas e dores silenciosas”¹³, ou quando avalia desencantado, à maneira de seu criador, os revezes de uma vida sem sabor e esperança¹⁴, Mascarenhas parece ter consciência que o recurso à exposição, sem meios tons, de seu sofrimento pretérito e presente, é condição fundamental para suplantar o olvido e construir uma outra representação do passado. À recorrência à memória é então, mais que necessária, essencial. Porque ela opõe, ao discurso racional e pretensamente científico da história, uma dimensão afetiva que confere um outro caráter ao acontecimento. Se aquela insiste em seu sedentarismo, em seu caráter abstrato que só pode ser apreendido a partir de categorias também abstratas – “humanidade”, “povo”, “classe” –, esta quer recuperá-lo em seu caráter irreduzível de experiência singular mas nem por isso solitária, permitindo o

¹³ *Idem. Ibidem*, p. 1437.

¹⁴ “Tinha trinta e poucos anos (...) pobre, eu vi a vida fechada. Moço, eu não podia apelar para minha mocidade; ilustrado, não podia fazer valer a minha ilustração; educado, era tomado por vagabundo por todo o mundo e sofria as maiores humilhações.” *Idem. Ibidem*, p. 1458.

reconhecimento de identidades e experiências emudecidas. Cumpre assim uma função ética, devolvendo o acontecimento ao corpo, lugar privilegiado da inscrição e escrita dos rastros e marcas do passado.¹⁵

Gostaria de encerrar com uma passagem particularmente significativa de “O cemitério dos vivos”. Refiro-me a uma breve digressão de Mascarenhas sobre o passado, a lembrança e o esquecimento: “Mais do que os grandes acontecimentos”, diz, “na nossa vida, são os mínimos que decidem o nosso destino; e estes pequenos fatos encadeados, aparentemente insignificantes, vieram influir na minha existência, para a satisfação e para o desgosto.”¹⁶ Ao afirmar a importância destes pequenos e insignificantes acontecimentos, o narrador de Lima Barreto está a cumprir uma exigência fundamental da memória, qual seja, a de opor à *comemoração* e sua repetição apologética do passado, a *rememoração* e sua abertura aos brancos, buracos e lacunas, ao esquecido, enfim. Compara assim, como queria Benjamin, o trabalho de recuperação do passado ao do sucateiro, que recolhe os cacos e restos do mundo na intenção de satisfazer o desejo de que nada se perca. Neste trabalho de procura e recolhimento dos cacos e restos, dos pequenos acontecimentos, é um espaço outro que se configura para abrigar o passado. Não mais o conforto e a estabilidade da utopia, nem a segurança racional e científica da história; mas o desconforto, a instabilidade e a insegurança transitória de memórias heterotópicas, sensíveis ao vivido, ao corpo e às diferenças.

¹⁵ VILELA, Eugenia. Corpos inabitáveis. Errância, filosofia e memória. In.: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 233-253.

¹⁶ Idem. *Ibidem*, p. 1435.